

# Cacaco – Em tempo de notícia

Deitado ao frio espero  
a transição que já vem:  
Galo rompendo luas  
galopando entre marcas  
que não ousam assentar.  
Onde a noite me recolhe  
em silente nostalgia  
mando notícia dos meus:  
A família se dissolve  
e transborda mansamente,  
dispersante além do frasco:  
Insônia ramo partido  
medo, tortura, asco.  
A cada passo uma pena  
a cada traço uma cena  
desafia os meus olhos  
nem duo de contrição.  
E vou de mim despedindo,  
aceno ao largo, na volta,  
em mim mesmo que prescrevo  
sinuosa afeição.  
Sou mapa e não me desvendo,  
sou ilha e não me abraço.  
Sou chama na saliência  
deste incontido amor.  
Peixe parindo rios,  
cristal de minha ambição  
que se recua a si mesmo  
entre vísceras latentes  
retidas no alçapão.  
Terra de peixe: magia.  
Sangue de peixe: noção.  
Não era sangue nem terra  
adubo de fina hera

e alga também não era  
convergindo na feição.  
Não era sangue e tingia  
não era amor e doía  
pungia no coração.  
Que sombra já me presente  
e me nomeia até mesmo  
onde não mando cartão?  
Indago apontamentos  
e me censuro e cerco  
o que de mim esvoaça  
sem formas de contenção.  
Estou partindo: para onde?  
Viajo pelo deserto  
e sinto que vou morrer.  
E sinto voar a pena  
ao longo de meus cabelos.  
Agora estou livre e deito  
numa planície minada.  
Entre rios cresce a chama  
buscando uniformidade,  
uma orquídea entre as ramas.  
Em meus olhos cravejados  
constroí o peixe o retiro:  
Fluir além das escamas.

**Cacaso, A Palavra Cerzida**